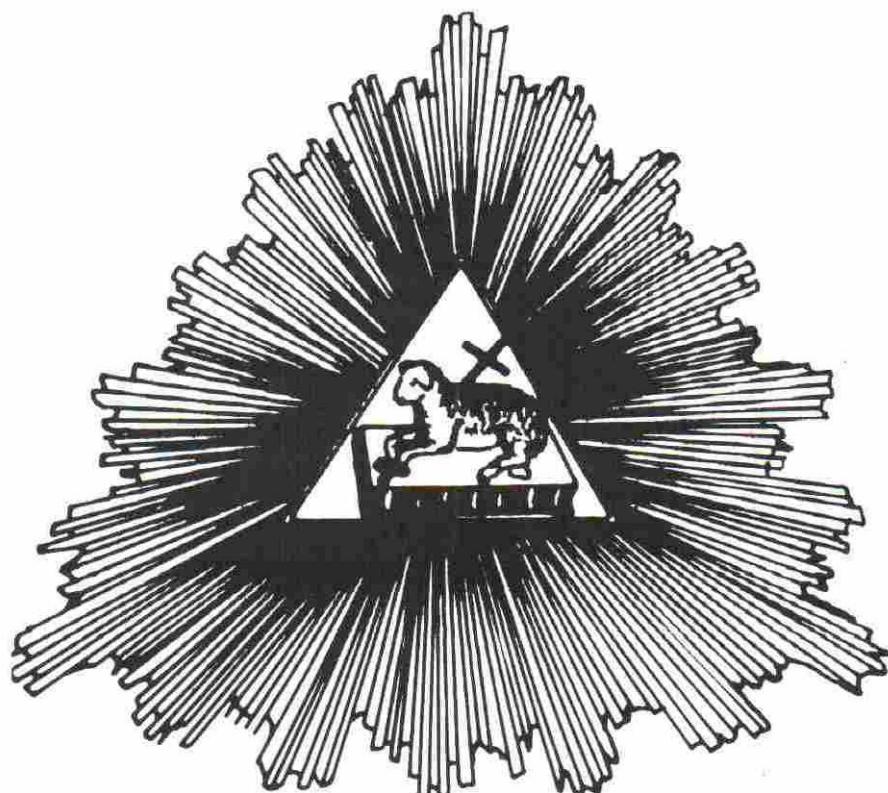


**EXELSO CONSELHO
DA MAÇONARIA
ADONHIRAMITA**

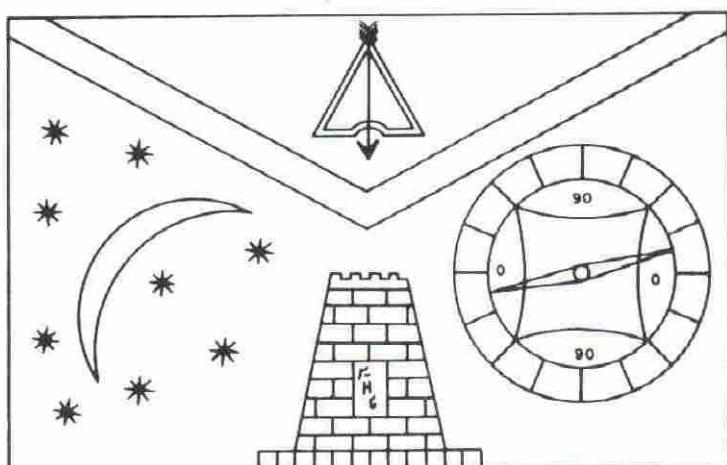
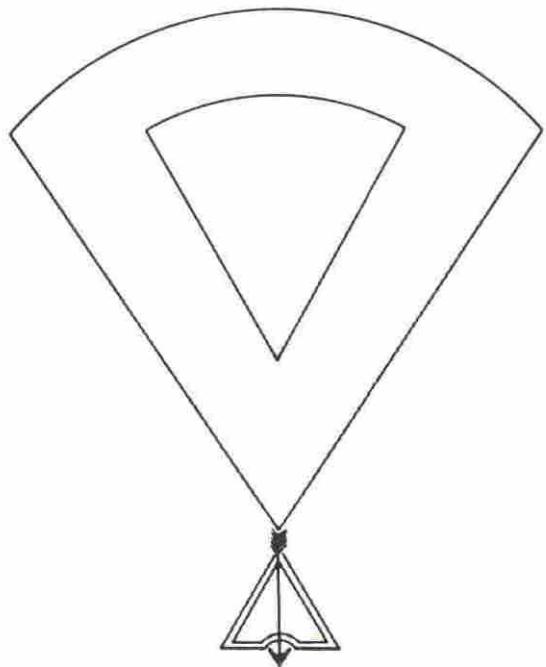


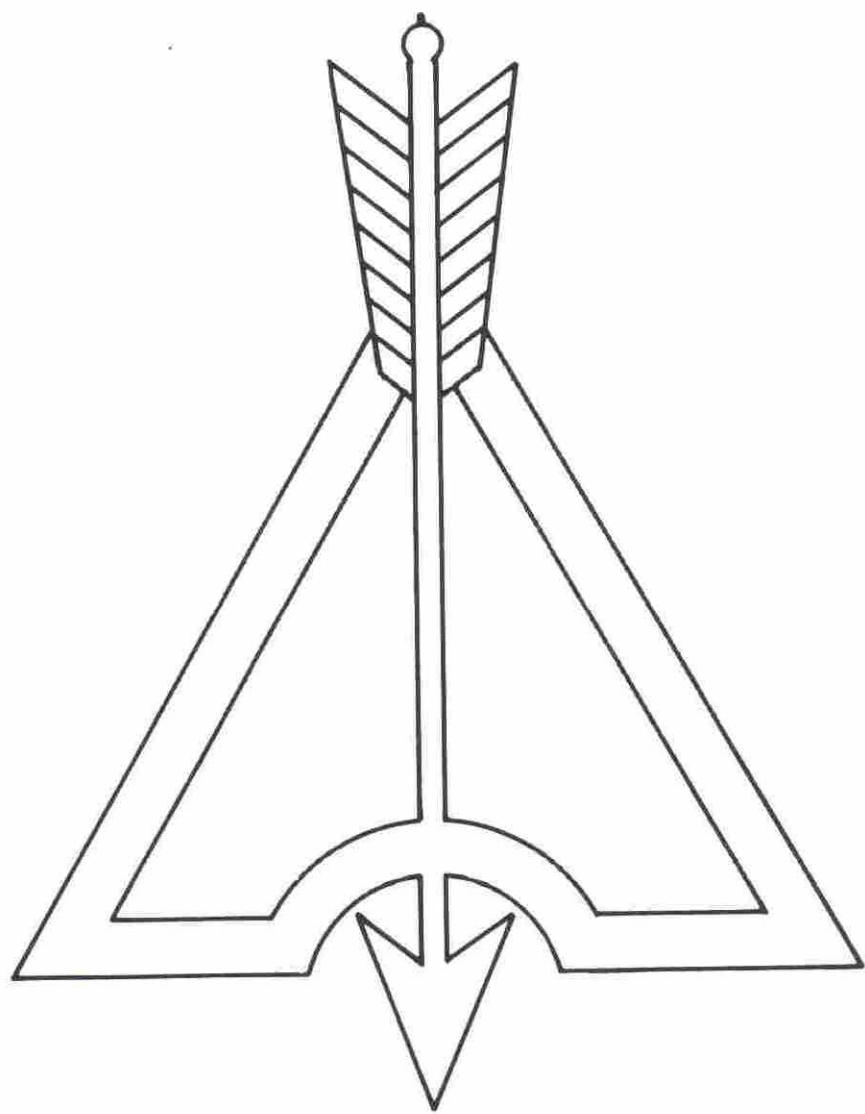
GRAU 21

**EXCELSO CONSELHO DA
MAÇONARIA ADONHIRAMITA**

RITUAL DO GRAU 21º

CAVALEIROS NOAQUITAS OU PRUSSIANOS





JÓIA DO GRAU 21º

INTERPRETAÇÃO DA JÓIA DO GRAU 21º

- 1 – Emoldurado por um triângulo equilátero, o Signo indica o início do ano pela abertura do Equinócio do mês de março – dia 21 –, quando a Terra, o Sol e a Constelação de Áries estão em alinhamento, dando início à Primavera, no Hemisfério Norte, e ao Outono, no Hemisfério Sul.
- 2 – O Triângulo Equilátero, símbolo universal da Maçonaria, invoca, entre outras expressões, a equidade entre os homens e entre todos os seres e coisas, enquanto criaturas de Deus, lembra a Trindade Divina e sugere os três elementos básicos da Natureza – á Água, o Fogo e o Ar; evoca o princípio geral ternário na organização das estruturas e simboliza a formação trinitária do Sol com a Terra em Áries, quando se inicia seu movimento descendente em direção a Câncer. A mesma tríade ressurge em face das demais Constelações do Zodíaco.
- 3 – Uma Seta indicando direção descendente, mostra o Sol, após sua passagem por Áries, desce na direção da Constelação de Câncer.

OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS

- 1— Todos os CCav.: serão identificados pelo Gr.: Cob.:.. Para tanto, cada um apresenta-lhe as PP.: Sagr.: e de pas.: e, em seguida, à Ordem, executa a marcha do grau em que o Cap.: trabalha. Por último, após a vénia devida ao presidente, o Cav.: se dirige ao Gr.: Chanc.:, assina o livro de presença e ocupa seu lugar. A vénia ou mesura é feita em curvatura acentuada e com a mão direita pousada sobre o coração. Chegando o Cav.: em hora de reflexão astrológica aguardará junto ao Gr.: Cob.: a oportunidade de ser anunciado, o que se passará da seguinte forma:
 - Gr.: Cobr.: — Acha-se presente um perf.: Cav.: Noaq.: que se atrasou na regulagem de seu instrumento.
 - Gr.: Insp.: — Franqueai-lhe o ingresso. (Então, o Cav.:, observadas as recomendações, dá ingresso no Templo)
Na ausência do Gr.: Insp.: e dos GGr.: VVig.:, os cargos serão ocupados por dignidades "ad-hoc" sem direito a recusa por parte dos CCavv.:, sendo que o de Gr.: Insp.: será preenchido pelo decano dos CCavv.: presentes.

2 – No caso de o Gr.: Insp.: chegar após iniciados os trabalhos, proceder-se-á como segue:

- **Gr.: Cobr.:** – Eis que chega o nosso Gr.: Insp.: este bate forte com o pé direito no chão e, deslocando-se em três passos longos, posta-se no centro do Templo e faz três vénias na forma já demonstrada: uma para frente e uma para cada lado, começando pela direita. Então diz:
- **Gr.: Insp.:** – Demorei-me na inspeção dos trabalhos. Reconheço vossos esforços e solicitude demonstrados nos estudos astronômicos. Descendo do Altar em companhia do Gr.: Orad.: e do Gr.: Secr.:, o Pres.: “ad-hoc” vem ter com o Gr.: Insp.: no Centro do Templo e, entregando-lhe o Malhete, aguarda sua decisão. Então estando todos de pé e à Ordem, o Gr.: Insp.: diz:
- **Gr.: Insp.:** – Aceito o Malhete por dever supremo, conservando-vos, porém, ao meu lado (ambos se dirigem ao Trono e o Gr.: Insp.: diz):
- **Gr.: Insp.:** – Sentemo-nos e prossigamos.

3 – Durante os trabalhos, o Cav.: que quizer manifestar-se estenderá o braço direito com a palma da mão voltada para o Or.:, assim mantendo-se até que o Gr.: Insp.: lhe conceda a palavra, se estiver no Or.: ou os GGr.: VVig.:, após au-

torizados, aos que se encontrarem em seus respectivos Vales.

GRAU 21

REFLEXÕES HISTÓRICAS E MÍSTICAS

À guisa de preâmbulo, julgamos elucidativo confrontar-se em termos gerais, algo do que nos revela o Antigo Testamento com algumas conclusões a que chegaram os cientistas, ao estudarem a gênese dos povos. A linguagem bíblica é por natureza teofânica e, coerentemente, o seu tema central é religioso. O Gênesis se esforça para demonstrar a origem divina do homem, expondo os fatos a seu modo, sem se preocupar com a coerência histórico-cronológica e, mesmo, com a definição do momento do surgimento do homem. Não era objetivo revelar a história da humanidade, mas a interferência de Deus na obra criadora em que se inclui o homem. A dialética bíblica, por conseguinte, não exclui, de forma alguma, a verdade histórica; apenas mimetiza-a de acordo com as conveniências de seus propósitos místicos. Assim, é que se chega à conclusão de que, pelo relato bíblico, o homem teria surgido por volta de 4.000 anos a. C, o que se conflita com as estimativas científicas que supõem existindo há mais de 70 milhões de anos. Bem assim, a modéstia das idades dos Patriarcas bíblicos pré e pós-diluvianos não se conforma com a fantástica longevidade multimilenar de alguns reis acádicos

sumeriano-caldáicos de que nos falam antigos documentos babilônicos.

Todavia, tais desencontros em nada afetam a veracidade do Documento Sagrado, por não interferirem na essência de seu principal escopo: Deus como origem de todos os seres e de todas as coisas. Porém, raciocinando em termos históricos, isto é apegado aos números bíblicos, o estudioso não poderia posicionar o surgimento da civilização acádio-sumeriano-caldáica nas proximidades do IV milênio a. C., conforme estimam os cientistas, nem muito menos, atribuir aos acádios e caldeus a origem semítica como concluem os arqueólogos, uma vez que Sem só teria nascido por volta de 2.500 anos a. C.. Por outro lado, os fatos narrados nas Escrituras Sagradas têm sido comprovados historicamente.

Desta conjectura e com base nas avaliações científicas da atualidade, segundo as quais os acádicos e caldeus teriam origem semítica, depreende-se que Sem precedeu estas civilizações e, portanto, o IV milênio a. C., bem como, obviamente, os precedeu Noé, pai de Sem. Então, é ilícito inferir-se que o Dilúvio (cataclismo cientificamente comprovado) deve ter ocorrido antes do IV milênio a. C. e que, entre o Dilúvio e o episódio da Torre de Babel, deve ter-se interposto um período de tempo suficiente para a estruturação daquele povo; também que, se os acádios e caldeus eram descendentes de Sem, eram “ipso facto”, monoteístas, pelo menos de início,

tornando-se politeístas com o perpassar do tempo, em contato com outras gentes. Mesmo assim, alguma parcela desse povo manteve-se fiel ao Monoteísmo e Abraão, descendente direto, embora distante, de Noé através de Sem e Patriarca maior do povo judeu é a grande testemunha dessa assertiva.

Pois bem, neste contexto introdutório é que vamos situar a gênese do Grau 21 – Cavaleiro Noaquita – da Maçonaria Adonhiramita.

Temente ao Deus único e por Ele eleito para liderar os que, por sua fé e boas ações, mereciam ser salvos do dilúvio iminente, tornou-se Noé o centro das manifestações teofânicas antes e depois desse fenômeno. Sinais nos céus transmitidos pelos astros eram os códigos de comunicação entre ele e o Altíssimo.

Noé ou Noah (conforme o hebráico) hoje, por suas excelsas virtudes, o patrono e líder espiritual dos Cavaleiros Noaquitas (Noah-Noaquita, por sufixação), como são intitulados os maçons iniciados no Grau 21.

Sem, Cam e Jafé, filhos de Noé, multiplicaram consideravelmente sua descendência, depois do dilúvio. Nemród, neto de Noé através de Cam, tornou-se “um homem forte” e, fundando a cidade de Babel, nela estabeleceu o primeiro governo autocrático de que se tem notícia na história dos povos. Sob suas ordens, seu primo Faleg, respeitável arquiteto, filho de Heber e tetranceto de Noé pela linhagem de Sem,

dos bens materiais e culturais da Ordem Teutônica na Prússia. A eles devem ser atribuída a descoberta da lendária coluna babeliana.

Como conclusão, vê-se que o Grau 21 da Hierarquia Adonhiramita é dedicado ao Patriarca Noé cujos descendentes, ao construirem a Torre de Babel, tornaram-se exímios convededores dos astros cujo estudo há que ser mantido pelos iniciados neste Grau. Faleg é o personagem central de sua ritualística. Viu-se ainda como os Cavaleiros Prussianos se vincularam ao Grau 21 por intermédio da fantástica relíquia babeliana. Daí, portanto, o título bivalente atribuído aos que a ele são elevados: CAVALEIROS NOAQUITAS ou CAVALEIROS PRUSSIANOS.

Constatamos, outrossim, que o Orgulho foi a causa fundamental do castigo divino no episódio de Babel e que a humildade e a virtude simpáticas a Deus, as quais associadas à Fé, à Caridade e à Esperança, reabilitam perante o Altíssimo, qual ocorreu com Faleg.

TÍTULO:

A Loja se denomina Grande e Sublime Capítulo Noaqua ou Acampamento Noaqua e o Templo Torre.

TRATAMENTO:

O Presidente é chamado de Grande Inspetor eleito por uma Assembléia, todos os integrantes têm o

tratamento de perfeito Cavaleiro, as Dignidades também têm o mesmo tratamento seguido da palavra Grande quando estiver ocupando uma função no Capítulo ou Acampamento.

SINAIS DE ORDEM:

Levantar os braços para o Céu tendo o rosto voltado para o Or., no ponto em que nasce a Lua.

DE INSTRUÇÃO:

Mostrar-se os três dedos da mão direita levantada. O Gr.: Cobr.: toma os dedos da mão direita e pronuncia "**FREDERICO II**" e apresenta por sua vez os três dedos, o primeiro, segurando os três dedos do Gr.: Cobr.: pronuncia também em voz alta "**NOÉ**".

TOQUE:

Toma-se o índice da mão direita do Gr.: Cobr.: e aperta-o com o polegar e índice dizendo: **MES**; o Gr.: Cobr.: dá por sua vez o mesmo toque e diz: **MAC**; repete-se o toque pronunciando: **HTEFAJ**.

PALAVRAS SAGRADAS:

"**MES**", "**MAC**", "**HTEFAJ**"

PALAVRA DE PASSE:

"**GELAF**", pronunciada por três vezes em tom lúgubre.

O Inspetor, enquanto exercer o cargo de Chefe eleito do M.: Pod.: e Su.: Gr.: Cap.: dos CCav.: NNoaq.: para o Brasil, terá o ornamento seguinte:
LISTÃO PRETO, LEVADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA, PENDENDO DELE A ALFAIA, QUE CONSISTE EM UM TRIÂNGULO EQUILÁTERO DE OURO, ATRAVESSADO POR UMA FLECHA, COM A PONTA VOLTADA PARA BAIXO, (o listão é largo, achamalotado, tendo bordadas à prata as letras: "S.: C.: J.: " e atributos do grau. Ao pescoço, traz a medalha do Rito, que é uma Lua de prata cercada de estrelas, presas sobre um Brasão de Armas. Este Brasão é preso a uma fita larga, achamalotada e orlada de branco, e, bordado em cada lado, um ramo de acácia, cercando o compasso entrelaçado na esquadria, bordada a ouro). Este ornamento é da propriedade do M.: Pod.: Cap.: e deverá ser guardado pelo Gr.: Tesoureiro, que o entregará toda vez que seja requisitado. A sua aquisição é feita como é nos países estrangeiros, pelo concurso das Oficinas do Rito. As luzes eleitas do M.: Pod.: Cap.: terão como distintivo uma Lua de prata, pendida ao pescoço em um listão largo.

em que o Cap.: trabalha. Faz-se com a mão no coração uma medida bem curva ao Insp.: e dirigindo-se ao Gr.: Chanc.:, assina o livro de presença e já em sinal de Ordem, toma o lugar que lhe pertence. Se acontecer estar o Sapiêncíssimo ou qualquer Ir.: orando, o Ca.: aguardará junto ao Gr.: Cobr.: a ocasião para ser anunciado por este na forma acima.

DA ENTRADA DO GR. . INSP. . DEPOIS DE INICIADOS OS TRABALHOS

Gr.: Cobr.: — O nosso Gr.: Insp.: acha-se a caminho do Templo.

Ei-lo que chega.

(O Gr.: Insp.: na porta do Templo bate com o pé e, com três passos grandes e graves, coloca-se no centro do Templo, põe a mão direita no coração e faz três medidas, uma para a frente e uma para cada lado, isto é, para a sua direita e para sua esquerda), e diz:

Gr.: Insp.: — Tardei na inspeção de trabalhos, (dirigindo-se ao presidente "ad-hoc") — reconheço os vossos esforços e boa vontade nas séries de observações astronômicas (o presidente "ad-hoc" descendo do altar, em companhia do Gr.: Orad.: e do Gr.: Secr.: vem ao encontro do

recém-chegado e, entregando-lhe o malhete, espera a sua palavra em resposta, que será o seguinte:

Gr.: Insp.: — Aceito o malhete por dever supremo, mas, vos conservando ao meu lado. (E todos se dirigem para o trono onde, conjuntamente aguardam).

Gr.: Insp.: — Prossigamos (O) Sentemo-nos PPerf.: CCav.: (durante o ceremonial, todo o Cap.: deverá conservar-se de pé e à ordem, e somente tomando os seus lugares depois que o faça o Gr.: Insp.:)

ABERTURA DO CAPÍTULO

(O ceremonial de abertura do Grande e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, do Vale do quando em suas Assembléias Ordinárias, Extraordinárias e Magnas, é o seguinte:)

Estando todos os Cavaleiros em seus lugares, à exceção do que preside e que não entra senão depois de ter sido anunciado, dando com o pé uma pancada no chão ao pé da porta, o Gr.: Cob.: diz:

Gr.: Cob.: — CCav.: Noaq.:, O Gr.: Insp.: nos reúne para deliberarmos e dar início às nossas observações astronômicas. Estaremos atentos ao que

nos vai expor e mostrar. Ei-lo que chega. (Gr.: Insp.: já então em seu lugar).

(O) — Dá uma pancada com o malhete, saúda todos os Cavaleiros, que guiados pelo Gr.: Chanc.:, correspondem pondo a mão direita sobre o coração, e, fazendo uma grande vénia, depois diz:

Gr.: Insp.: — Perf.: Cav.: Gr.: Orad.:, está ou não devidamente observado o que preceitua os Estatutos do Grande e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas do Vale do
....., bem como o Regulamento do Excelso Conselho e a Constituição da Maçonia Adonhiramita?

Gr.: Orad.: — Sim (ou não) Grande Inspetor.

Gr.: Insp.: — (O) Perf.: Cav.: Gr.: Mest.: de CCer.: procedei à Cerimônia de Incensação.

Gr.: Insp.: — (O) De pé, PPerf.: CCav.: NNoaq.: (coloca três pitadas de incenso no Turíbulo. O Gr.: Mest.: de Harm.: faz soar música própria. O Gr.: Mest.: de CCer.: procederá de acordo com o Ritual de Incensação. Diante do Altar do Gr.: Insp.:, ao incensar pronunciará a palavra **SABEDORIA**; em alta voz. Diante do Altar do 1º Gr.: Vig.:, **FORÇA**; e diante do Altar do 2º Gr.: Vig.:, **BELEZA**; em seguida dirigir-se-á

ao Altar do Gr.: Orad.:, depois ao do Gr.: Secr.: e daí ao centro da balaustrada que divide o Or.: do Oc.: e de frente para os Vales; finalmente entre Colunas, voltar-se-á para o Or.: e balançando o Turíbulo na altura do coração e na direção das Colunas, dirá: **QUE A PAZ REINE EM NOSSOS VALES**; voltando-se para o Gr.: Cob.:, incensa-o por uma vez na altura da cabeça. Entrega-lhe o Turíbulo e dele recebe a Espada, tomando o seu lugar. Abre a porta do Templo para o Gr.: Cob.:, a fim de que este incense duas vezes para fora. Fecha a porta, desfazendo a troca do material litúrgico. Dirige-se ao Altar dos Perfumes ou, na falta deste, ao da Sabedoria, onde deposita o Turíbulo e retorna ao seu lugar, e diz:

Gr.: Mest.: de CCer.. — Gr.: Insp.:, foi realizada a cerimônia de Incensação.

Gr.: Insp.: — (O) Sentemo-nos, PPerf.: CCav.:.

Gr.: Insp.: — (O) Perf.: Cav.: Gr.: Mest.: de CCer.:, a fim de que nossos trabalhos rendam maior glória ao **GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO**, procedei ao Cerimonial do Fogo. (O) De pé, PPerf.: CCav.:.

O Gr.: Mest.: de CCer.: dirige-se ao “**FOGO ETERNO**”, (vela acesa), colocada entre o Altar dos JJur.: e o da Sab.: . Pega o acendedor e,

antes de acendê-lo pensa: — COM A GRAÇA
DO GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO
— ACENDO — Dirige-se ao Altar da Sab.: e
entrega a Chama ao Gr.: Insp. :.

**Gr.: Mest.: de CCer.: — Gr.: Insp.:, eu vos trago a
Chama Sagrada.**

Gr.: Insp.: — Levanta a Chama até a altura dos olhos e antes do acendimento das velas de pura cera sobre seu Altar, diz: "**QUE A LUZ DE SUA SABEDORIA ILUMINE NOSSOS TRABALHOS**" — Depois do acendimento — "**A SUA SABEDORIA É INFINITA**".

(**Gr.: Mest.: de CCer.:**, com o acendedor dirige-se ao Altar do 1º **Gr.: Vig.:**).

Gr.: Mest.: de CCer.: — 1º Gr.: Vig.:, eu vos trago a Chama Sagrada.

1º Gr.: Vig.: — Antes de acender a vela que se encontra sobre o seu Altar, levanta a Chama Sagrada até a altura dos olhos e diz: "**QUE A LUZ DE SUA FORÇA NOS ASSISTA EM NOSSA OBRA**" — Depois do acendimento: "**A SUA FORÇA É INFINITA**". O **Gr.: Mest.: de CCer.:** vai ao Altar do 2º **Gr.: Vig.:**.

Gr.: Mest.: de CCer.: — 2º Gr.: Vig.:, eu vos trago a Chama Sagrada.

2º Gr.: Vig.: — Antes de acender a Vela que se encontra sobre o seu Altar, levanta a Chama Sagrada até à altura dos olhos e diz: "**QUE A LUZ DE SUA BELEZA SE MANIFESTE EM OBRA**". — Depois do acendimento — "**A SUA BELEZA É INFINITA**".

O Gr.: Mest.: de CCer.: apaga a Chama Sagrada do acendedor, sem soprá-la. Retorna ao seu lugar e diz:

Gr.: Mest.: de CCer.: — Gr.: Insp.:, foi realizado o Cerimonial do Fogo.

Gr.: Insp.: — Que a sua luz habite perpetuamente entre nós.

(O) Sentemo-nos PPerf.: CCav.:..

Gr.: Insp.: — Perf.: Cav.: Cob.:, qual é o primeiro dever de um verdadeiro Cav.: quando em Assembléia?

Gr.: Cob.: — Gr.: Insp.:, o de prover a segurança da Assembléia e que nela não possam entrar senão CCav.: NNoaq.:..

Gr.: Insp.: — (O) Fazei a inspeção convidando a quem compete.

Gr.: Cob.: — PPerf.: CCav.: NNoaq.: 1.^º e 2.^º GGr.: VVig.:, convido-vos da parte do Gr.: Insp.. a que me ajudeis a fazer a inspeção devida a fim

de ser verificado se todos os presentes à TORRE, são PPerf.: CCav.: NNoaq.: .

(Respectivamente os 1º e 2º GGr.: VVig. . dando uma pancada com a Malhete, dizem em voz alta:

(O) de pé e à Ordem.

Todos os Cav.: NNoaq.: nos Vales ficam de pé e à Ordem, aguardam a inspeção que será feita pelos GGr.: VVig.: e pelo Gr.: Cob.: indo cada um dos GGr.: VVig.: pelos seus acampamentos e o Gr.: Cob.: pelo centro até ao pé da Grad.: do Or.: e voltam aos seus lugares.

Gr.: Cob.: — Convido ao Perf.: Cav.: Gr.: Mest.: de CCer.: , para examinar as portas da TORRE, e ver se os guardas exercem suas funções.

(Gr.: Mest.: de CCer.: sai e depois volta e diz em voz alta ao Gr.: Cob.: e este em voz alta ao Gr.: Insp.: :)

Gr.: Cob.: — Gr.: Insp.: , os guardas rodeiam o palácio e a TORRE; a Sublime Assembléia está em segurança e livre de ser perturbada nas suas importantes observações astronômicas e todos os presentes são PPerf.: CCav.: NNoaq.: .

Gr.: Insp.: — (O) Sentemo-nos. Pois bem, aqui estamos reunidos com humildade a Deus, para que ele tenha de todos nós piedade como teve do Gr.: Arq.: da TORRE DE BABEL, o imortal

Chanc.:, a fim de convosco formarem o PÁLIO e, em seguida, convidai o Perf.: Cav.: Orad.: para abrir o livro da Lei.
Com o Gr.: Orad.:, colocado diante do livro da Lei e o Pálio devidamente formado, o Gr.: Insp.: ordenará:

Gr.: Insp.: — -o-o-o-oo-o (Os GGr.: VVig.: repetem a bateria). “De pé e à Ordem”, PPerf.: CCav.: O Gr.: Orad.: coloca o joelho direito em terra, conservando a perna esquerda em esq.: abrindo o Livro da Lei em Eclesiastes 12, versículo I.

Gr.: Orad.: — “LEMBRA-TE DO TEU CRIADOR NOS DIAS DA TUA MOCIDADE, ANTES QUE VENHAM OS MAUS DIAS, E CHEGUEM OS ANOS DOS QUAIS VENHAS A DIZER: NÃO TENHO NELES CONTENDIMENTO”.

Em seguida, desfaz-se o Pálio e o Gr.: Orad.: retorna ao seu lugar.

Gr.: Insp.: — “Em nome e sob os auspícios do Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita e em virtude dos poderes materiais e espirituais de que me acho investido, declaro abertos, devida e regularmente, os trabalhos deste Grande e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas do Vale de”.

Gr.: Insp.: — A mim, PPerf.: CCav.: pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. (Todos fazem o sinal, aplaudem e aclamam).

Gr.: Insp.: — (O) Sentemo-nos.

Perf.: Cav.: Gr.: Sec.:, procedei à leitura da prancha dos desenhos das últimas observações e trabalhos executados. (O Gr.: Secr.: faz a leitura da ata anterior).

Gr.: Insp.: — (O) Está em discussão a redação da prancha dos desenhos que acabou de ser lida e observada. Reinando silêncio em toda a Assembléia a darei como aprovada. (Reinando silêncio) diz: — (O) Está aprovada.

(Em caso contrário, procede-se como nos demais Rituais).

Gr.: Insp.: — Perf.: Cav.: Gr.: Secr.:, há expediente?

(Em caso afirmativo o Gr.: Secr.: passa à apresentação do expediente, lendo-o; o Gr.: Insp.: em caso necessário põe em discussão).

Gr.: Insp.: — (O) PPerf.: CCav.: NNoaq.:, o Gr.: Mest.: de 'CCer.: vai circular com o Sac.: de PProp.: e IInf.:.

(O Gr.: Mest.: de CCer.: recolherá primeiramente no Vale do Or.: e, em seguida, Vale do Oc.:, depositando-as no Altar do Gr.: Insp.:).

ORDEM DO DIA

O Gr.: Insp.: com um golpe de Malhete no que será seguido pelos GGr.: VVig.:, anuncia a Orden do Dia, cuja inscrição para uso da palavra em tal momento, deverá ter sido feita antes da Seção com o Gr.: Secr.:, devidamente autorizada pelo Gr.: Insp.:.

INSTRUÇÃO

O Gr.: Insp.: anunciará o momento destinado à instrução sempre atendendo a um programa adrede preparado. Terminada a instrução poderá a palavra análoga ser franqueada.

Gr.: Insp.: — (O) PPerf.: CCav.: NNoaq.:, o Gr.: Hosp.: vai circular com o tronco de solidariedade. (Agirá da mesma forma que por ocasião do Sac.: de PProp.: e IIInfor.:, devendo os metais serem depositados no Altar do Gr.: Orad.: para conferência e consequente entrega ao Gr.: Tes.:).

Gr.: Insp.: — (O) PPerf.: CCav.: NNoaq.:, 1º e 2º GGr.: VVig.:, participai aos CCav.: NNoaq.: que constituem as forças dos seus Val.: que concederei a palavra a bem da Or-

dem em Geral e da Maçonaria Adonhiramita em particular a qualquer dos CCav.: que dela queira fazer uso.

1º Gr.: Vig.: – (O) Perf.: Cav.: 2º Gr.: Vig.: e PPerf.: CCav.:, brilhante ornamento do meu Vale, eu vos anuncio da parte do nosso Gr.: Insp.:, a quem muito veneramos, que a palavra a bem da Ordem em Geral e da Maçonaria Adonhiramita em particular, é franca a quem dela queira fazer uso.

2º Gr.: Vig.: – (O) PPerf.: CCav.: brilhante ornamento do meu Vale, eu vos anuncio da parte do nosso Gr.: Insp.: a quem muito veneramos, por intermédio do Perf.: Cav.: 1º Gr.: Vig.:, que a palavra a bem da Ordem em Geral e da Maçonaria Adonhiramita em particular, é franca a quem dela queira fazer uso.

(O) A palavra está em meu Vale. (Após o uso da palavra – se houver, ou não havendo quem dela queira fazer uso).

2º Gr.: Vig.: – (O) Reina silêncio em meu Vale.

1º Gr.: Vig.: – (O) A palavra está em meu Vale. (Após o uso da palavra..... se houver, ou não havendo quem dela queira fazer uso).

1º Gr.: Vig.: – (O) Gr.: Insp.: do Grande e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas do Vale do reina silêncio nos Vales do Oc.:

Gr.: Insp.: – (O) A palavra está no Orc.:

Gr.: Insp.: – Reinando silêncio em todo o Capítulo, passo a palavra ao Perf.: Cav.: Gr.: Orad.: para as conclusões finais.

(Isso no caso de inexistência de candidato, quando se procederá da seguinte forma:)

RECEPÇÃO DO CANDIDATO

Gr.: Mest.: de CCer.: – Gr.: Insp.: um obreiro das nossas oficinas Adonhiramitas, vestido de preto, quer penetrar neste Grande e Sublime Capítulo.

Gr.: Insp.: – (O) Informai-vos quem ele é, tomai as maiores precauções e dai-me conta de tudo, exatamente.

Gr.: Mest.: de CCer.: – Já tudo sei; ele vem do Sublime Capítulo Rosa Cruz da Paróquia deda Maçonaria Adonhiramita e pede apresentar-se aos pés do Trono, a fim de solicitar da bondade do Gr.: Insp.:, proteção para os seus companheiros de

trabalho, como um lugar no observatório desse Sublime e Grande Capítulo para praticar nas observações astronómicas, de que sois digno e sábio mestre.

Gr.: Insp.: — (O) CCav.: NNoaq.: sois de parecer que este obreiro seja aceito neste Sublime e Grande Capítulo?

(Os CCav.: guiados pelo Gr.: Chanc.: fazem o sinal de aprovação estendendo para o ar o braço direito com a palma da mão voltada para o Or.:).

Gr.: Insp.: — (O) Perf.: Cav.: Gr.: Mestr.: de CCer.:, seja concedido o que pretende esse Obr.:, mediante as mais severas provas elementares da ciência.

(O Gr.: Mestr.: de CCer.: faz o sinal de à Ordem e pede licença para cobrir o Templo, e retira-se normalmente) — (Pouco tempo depois: — o que candidato e o Gr.: Mestr.: de CCer.: — batem à porta do Templo com as pancadas da bateria do grau 18º, da Maçonaria Adonhiramita).

-o-o-o-o-o-o-

Gr.: Cob.: — Gr.: Insp.: bate à porta do Templo, Obr.: de Adonhiram.

Gr.: Insp.: — Perguntai quem é, o seu nome, o Capí-

tulo a que pertence, sua idade e notícia que traz.

Gr.: Cob.: — É um Obr.: que vem com o nosso Ir.: Gr.: Mest.: de CCer.: que de tudo dará contas.

Gr.: Insp.: — Podeis permitir o ingresso.
(O Gr.: Cob.: abre a porta e o Gr.: Mest.: de CCer.: dirige-se depois das formalidades ao Gr.: Insp.:, dizendo:)

Gr.: Mest.: de CCer.: — É este o Obr.: que vos apresento e de quem vos falei, chama-se
É o Capítulo
a sua idade 33 anos e diz que seu Insp.. vos saúda por 3x3, desejando-vos como sempre, progresso nas vossas sábias observações astronómicas.

Gr.: Insp.: — (Dirigindo-se ao candidato) — O que voz conduz aqui?

Candidato — O amor do meu dever e o desejo de chegar à alta ciência da Astronomia.

Gr.: Insp.: — Para quê?

Candidato — Para com auxílio dos instrumentos da ótica e os princípios da mecânica aplicados aos corpos celestes ajudá-lo a construir a esca-

da por onde se vai remontando às alturas incommensuráveis e descobrindo segredos que pareciam vedados à compreensão humana.

Gr.: Insp.: — Sabeis, Ir.: qual é a nossa intenção?
É esclarecer a verdade, é escalar o céu. Quereis cooperar para esta empresa atrevida?

Candidato — Sim, senhor.

Gr.: Insp.: — Refletiu bem? Vêde que é arriscado.

Candidato — Sim, senhor.

Gr.: Insp.: — Gr.: Mestr.: de CCer.:, entregai-lhe o **Astrolábio** e a **Trolha**, primeiro esta.

(candidato ao receber a **Trolha**, sente o estampido repentina de um raio, acompanhado do trovão e lança por terra o instrumento que lhe cai naturalmente das mãos).

(O Gr.: Mestr.: de CCer.: deve concorrer nesse instante para que a **Trolha** vá cair distante do candidato, assustando-o e dando-lhe uma pancada na mão).

Gr.: Insp.: — Isto que vos sucedeu, indica a imagem das dificuldades que encontra o homem, que pretende entrar nos arcanos astronômicos e muito mais das tentativas vãs que fizeram os primeiros que se deram a este estudo.

O Gr.: Mestr.: de CCer.: conduz o candidato

ao pé do Trono pelos passos ou marcha de Mestr.: da Maç.: Adonhiramita.

O Gr.: Insp.: desce do seu lugar no Trono e toma posição diante do candidato, que deve por um joelho em terra, lhe entregando a Trolha e diz:)

Gr.: Insp.: — Meu ilustre Ir.:, fostes condecorado com o título de Cav.: Noaq.:, e eu, assim, vos condecoro. Esta **Trolha** é o símbolo competente; vós trabalhareis daqui por diante com a luneta ou o astrolábio em uma das mãos e a trolha que vos entreguei na outra, ou junto de si para a ocasião. Agora, prestai o juramento, repetindo as minhas palavras:

Gr.: Insp.: — (O) PPerf.: CCav.: NNoaq.:, de pé e à Ordem.

JURAMENTO

"JURO E PROMETO, NA PRESENÇA DESTA SOLENE ASSEMBLÉIA DE NUNCA REVELAR OS SEGREDOS, DIRETA OU INDIRETAMENTE, AOS PROFANOS, NEM AOS MAÇONS INFERIORES. DE NUNCA DEIXAR DE RECONHECER UM BOM MAÇOM; DE QUALQUER PROFISSÃO OU FORTUNA QUE SEJA, DE AJUDAR AOS MEUS IIR.: COM CONSELHOS E MEUS SERVIÇOS; DE NÃO CAUSAR PREJUIZO À SUA FORTUNA, À SUA

PROFISSÃO NEM À SUA REPUTAÇÃO; E NO CASO DE INFRAÇÃO A ESTE MEU JURAMENTO, SUJEITO-ME A FICAR PRIVADO DA VERDADEIRA LUZ, DESTE MUITO PODEROSO E SUBLIME GRANDE CAPÍTULO DOS CAVALEIROS - NOAQUITAS DA MAÇONARIA ADONHIRAMITA, E IME CONDENO AO DESPREZO DOS PARTIDISTAS DA VIRTUDE E DA VERDADE."

(O Gr.: Mestr.: de CCer.: faz o candidato levantar-se dá comele três passos para traz e retiram-se para os lados, enquanto o Gr.: Insp.: retorna ao Trono e diz:)

Gr.: Insp.: — Meu Irm.:, o juramento que acabais de prestar é novo laço que vos une a nós; além disso, ele nos tranquiliza e torna-nos unidos como PPerf.: CCav.: NNoaq.:.. Retirai-vos para o Ocid.:..

Gr.: Insp.: — (O) Sentemo-nos, PPerf.: CCav.: NNoaq.:..

(O Gr.: Mestr.: de CCer.: acompanhado do candidato, retiram-se para o Oc.:, depois de enfrentarem novamente o Trono, o Mestr.: de CCer.: diz:)

Gr.: Mestr.: de CCer.: — Gr.: Insp.:, o candidato cumpriu a vossa determinação, revestido dos foros de Cav.. Noaq. ...

Gr.: Insp.: — (O) De pé e à ordem PPerf.: CCav.: (dirigindo-se ao candidato, diz:) "Aproximai-vos, meu Ir.:".

(O candidato aproximando-se para junto do Trono, ajoelha-se de novo, e continuando o Gr.: Insp.: diz:)

Gr.: Insp.: — Em nome do Gr.: Arq.: do Univ.:, em nome deste Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita, em nome deste Grande Sublime Capítulo de Cavaleiros Noaquitas, do Vale do e em virtude dos poderes de que me acho investido, eu vos recebo e consagro, meu amado irmão, e constituo como Perfeito Cavaleiro Noaqua efetivo desta data e em diante.
(O candidato levanta-se).

Gr.: Insp.: — Ide agora, meu Ir.: ocupar o lugar entre os vossos iguais.

Gr.: Insp.: — (O) Sentemo-nos, PPerf.: CCav.:..
(O Gr.: Mestr.: de CCer.: leva o novo Perf.: Cav.: para o Oc.:).

Gr.: Insp.: — (O) De pé à Ordem, PPerf.: CCav.:..
(Somente o Gr.: Insp.: não ficará à Ordem.)

PROCLAMAÇÃO

Gr.: Insp.: — Ilrm.: CCav.: NNoaq.:, vós reconheceréis para o futuro Ir.: como Cav.: NNoaq.: e membro efetivo deste Grande e Sublime Capítulo de CCav.: do Vale de Assim proclamado, aplaudamos, meus AAm.: Ilrm.: com a bateria do Grau 21, da Maçonaria Adonhiramita, por cinco vezes (o-o-o--oo-o) (o-o-o--oo-o) (o-o-o--oo-o) (o-o-o--oo-o) (o-o-o--oo-o) (O novo Cav.: agradece com o Gr.: Mestr.: de CCer.: que para isto pede licença. O seu aplauso é coberto por sete vezes).

Gr.: Mestr.: de CCer.: — Gr.: Insp.: sábio pela vontade do Gr.: Arq.: do Univ.:, permitai que eu, como o novo Cav.: Noaq.: agradeça sete vezes mais os aplausos que acabaram de ser a ele conferidos (dá os aplausos).

Gr.: Insp.: — Tomai lugar no meio dia e prestai atenção ao discurso do Gr.: Orad.: — Sentemo-nos, GGr.: PPerf.: CCav.: Noaq.:.
(Será permitido a qualquer outro Ir.: discursar em seu lugar, antes porém, o Gr.: Mestr.: de CCer.: conduz o novo Cav.: ao Cav.: Gr.: Chanc.: para que assine o Livro de Presença. O Gr.: Orad.: profere o discurso a que reúne o

1º Gr.: Vig.: — Depois de me ter experimentado,
honrou-me com o título de Cav.: Noaq.:. .

Gr.: Insp.: — O que fizeste depois de haver obtido
vosso acesso?

1º Gr.: Vig.: — Fui à minha Pátria, onde na minha
Of.: me reuni ao resto dos meus Ilr.:. .

Gr.: Insp.: — Aonde vos receberam eles?

1º Gr.: Vig.: — Em um conselho reunido sobre as
ruínas da **TORRE DE BABEL**.

Gr.: Insp.: — Que significa **TORRE DE BABEL**?

1º Gr.: Vig.: — O orgulho dos filhos da terra, do
qual não podemos preservar-nos, se não por um
coração humilde e sincero.

Gr.: Insp.: — Quem foi o inventor da **TORRE DE
BABEL**?

1º Gr.: Vig.: — O cruel **NEMROD**.

Gr.: Insp.: — Qual o motivo?

1º Gr.: Vig.: — O orgulho de adquirir uma vã repu-
tação e de se fazer igual a **DEUS**.

Gr.: Insp.: — Qual a base desta **TORRE**?

1º Gr.: Vig.: — A força.

Gr.: Insp.: — Quais foram as pedras?

1º Gr.: Vig.: — As paixões desordenadas dos homens.

Gr.: Insp.: — Que forma tinham?

1º Gr.: Vig.: — A forma espiral, que denota a duplidade desses homens vaidosos.

Gr.: Insp.: — Até que ponto chegou este monumento?

1º Gr.: Vig.: — Até que DEUS enviou a confusão das línguas entre os obreiros, que se dividiram e se espalharam por todas as partes do mundo.

Gr.: Insp.: — Que tempo a **TORRE DE BABEL** serviu depois às observações astronômicas?

1º Gr.: Vig.: — Um século.

Gr.: Insp.: — (O) Perf.: Cav.: 2º Gr.: Vig.: quem foi **FERIDOUM** e o que ele representa?

2º Gr.: Vig.: — **FERIDOUM** foi um antigo Monarca Persa, que tinha livrado o Reino do jogo de Deak: representa o Sol da primavera naquele país.

Gr.: Insp.: — Por que?

2º Gr.: Vig.: — Porque foi no equinócio da primavera, que **FERIDOUM** ficou salvo e é quando

o Sol deixa de ficar debaixo da tutela da noite, sendo deste tempo por diante, os dias maiores que as noites.

Gr.: Insp.: — O que mostra o solstício de junho?

2º Gr.: Insp.: — O Sagitário é o representativo do Signo a que o Sol corresponde no mês de junho e a ponta da flecha da jóia voltada para baixo, mostra aos países setentrionais que este Astro tendo subido nos meses antecedentes, principia a descer depois do dia do solstício em diante.

Gr.: Insp.: — **Perf.:** **Cav.:** **Gr.:** **Cob.:**, qual o dever dos **CCav.:** **NNoaq.:** em seus trabalhos?

Gr.: Cob.: — Observar os astros, ouvir, obedecer e calar-se.

Gr.: Insp.: — **Perf.:** **Cav.:** **Gr.:** **Mest.:** de **CCer.:** convidai o **Gr.:** **Sec.:**, o **Gr.:** **Tes.:** e **Gr.:** **Chanc.:** para convosco formarem o pálio e, em seguida, o **Perf.:** **Cav.:** **Gr.:** **Orad.:** para fechar o Livro da Lei.

(O **Gr.:** **Orad.:**, colocado diante do L. da Lei e o Pálio devidamente formado, o **Gr.:** **Insp.:** ordenará:)

Gr.: Insp.: — (O) De pé e à Ordem.

(Desfaz-se o Pálio e o **Gr.:** **Orad.:** retorna ao seu lugar).

Gr.: Insp.: — Gr.: Mest.: de CCer.: procedei ao adormecimento do fogo.

(Gr.: Mest.: de CCer.: com o apagador dirige-se ao 2º Gr.: Vig.: a quem o entrega).

2º Gr.: Vig.: — Que a luz da sua beleza continue flamejante em nossos corações. (Adormece a Chama e devolve o apagador no Gr.:).
Mest.: de CCer.: que vai entregá-lo ao 1º Gr.: Vig.:).

1º Gr.: Vig.: — Que a luz da sua Força permaneça atuando em nossos corações. (Adormece a Chama e devolve o apagador ao Gr.: Mest.: de CCer.:, que vai entregá-lo ao Gr.: Insp.:).

Gr.: Insp.: — Que a Luz de sua Sabedoria habite em nossos corações.
(Adormece a Chama e devolve ao Gr.: Mest.: de CCer.: que, guardando-o, retorna ao seu lugar, de onde diz:)

Gr.: Mest.: de CCer.: — Gr.: Insp.:, foi procedido o Adormecimento do Fogo.

Gr.: Insp.: — Meus AAm.: IIr.:, na TORRE DE BABEL, Semiramis fez levantar um Templo em honra do 1º Bellus, deificado por Nino; debaixo do nome de Júpiter, que foi adorado pelos Babilônios, Sidônios, que viram nele o Sol.

A TORRE DE BABEL foi reerguida depois,
a paz e a concórdia foram restabelecidas: nós
devemos observar sempre os Astros, ouvir,
obedecer, trabalhar e nos calar. O Gr.: e Su-
blime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, do
Vale de
e seus trabalhos, estão por hoje fechados.
(O) (O golpe de Malhete acompanha a palavra
FECHADO).

FAÇAMOS NOSSO DEVER

INSTRUÇÃO

Todos os irmãos cruzam os braços e abaixam em curva de mesura; depois fazem o sinal e os aplausos do grau, — guiados pelo Gr.: Insp.. duas luzes com assento no Oriente, (Gr.: Orad.: e Gr.: Secr.:) levantam-se em seguida acompanham o Gr.: Insp.. até a porta, conservando-se todos os PPerf.: CCav.: NNoaq.: no sinal de à Ordem; aí o Gr.: Insp.. faz o sinal de à Ordem, e deixa depois os braços caírem naturalmente, e retira-se depois que todos os Irr.: derem ao mesmo tempo uma forte salva de palmas.

ASPECTOS HISTÓRICOS, CIENTÍFICOS E MÍSTICOS

Conceitos básicos

Ao homem, sempre constituiu preocupação e motivo de curiosidade permanente, desde as mais remotas civilizações, o comportamento dos astros como relação à influência que pudessem exercer nos acontecimentos e no destino da Humanidade, estimulando-o a indagar sistematicamente a correlação existente entre a dinâmica celeste no seu conjunto e a funcionalidade da Terra especificamente. Daí, observar-se, desde logo, o sentido bivalente das investigações humanas sobre o Cosmos, orientadas segundo os objetivos do homem; sua destinação definida pelo domínio astral sobre a vida e os condicionamentos interastrais exercidos sobre a Terra e sobre os demais corpos celestes. Ora, a convicção dos influxos astrais sobre as pessoas dependia do conhecimento das características desses corpos celestes e da Terra. Então, inicia-se aí a corrida para a primazia entre o conhecimento sistemático e racional da mecânica celeste e a intuição mística da ascendência dos astros sobre o comportamento humano, isto é, entre a Astronomia e a Astrologia.

— Dito isto e para um melhor entendimento do assunto; julgou-se conveniente elucidarem-se a distinção conceitual entre Astronomia e Astrologia e o posicionamento de ambas, no tempo e no espaço, quanto a suas origens históricas. É o que veremos a seguir.

A Astronomia é a Ciência da observação dos astros, cujo objetivo é a pesquisa sistemática dos corpos celestes com vistas a determinar e definir seus movimentos, suas origens, sua natureza e suas características, em proveito da Humanidade. É racional, científica e positiva. Já a Astrologia é mais Arte do que Ciência. É a disposição de prescrutar nos astros as manifestações e o destino dos homens, através da influência que a posição dos corpos celestes possam exercer em dado momento. É intuitiva, especulativa e divinatória.

Com tais características, a Astronomia, embora circunscrita a aspectos rudimentares, já era, ao que se sabe, praticada em profusão pelos Sumerianos, Caldeus e Babilônicos, desde épocas imemoriais; enquanto a Astrologia, como derivação da Astronomia, somente começou a desenvolver-se a partir do III milênio a. C., na Mesopotâmia Central. Na verdade, ambas as atividades se confundiam e, de tanto se confundirem, confundiam também suas denominações a ponto de serem exercidas indistintamente. Entretanto, para maior eficiência de uma e de outra, os babilônios passaram a denominar a Astrologia de “ARTE CALDAICA”.

Astronomia e Astrologia entre os Sumerianos, Acádios e Caldeus

A Civilização Sumeriano-Acádio-Caldaica é a mais antiga de que se tem conhecimento no seio da Humanidade, embora seja possível descender de alguma outra civilização de cujos traços não se tem notícia de registros históricos até a atualidade. Os fundadores dessa civilização, os Sumerianos ou Povo do Sumer (do acádio: – Shumer(u) Acádicos e mais tarde, Caldeus), habitavam a região situada no Sul da Mesopotâmia, na confluência dos rios Tigre e Eufrates (Região situada ao Sul do atual Iraque, ladeada pelas cidades de Bassora, no Iraque e Abadan no Irã), e alcançaram expressão como povo por volta do IV milênio a. C. Por essa época, atingiram o ápice de uma das mais florescentes civilizações que a História nos registra. Mais tarde, pela fusão com outros povos (Assírios, Medas e Persas), deram origem aos Babilônios que ocuparam toda a Mesopotâmia (Do grego: Meso = meio e Potamos = rio, pois fica entre os rios Eufrates e Tigre), absorveram a cultura de seus ancestrais, Sumerianos, Acádios e Caldeus sobretudo com Hamurabi), e ensejaram a sua dispersão e desaparecimento. Dos Caldeus descendem, por linha direta, os Hebreus e os filhos de Heber, bisneto de SEM e avô, em sexta geração, de Abraão de Terra de Ur da Caldeia.

As concepções astronômicas dos Sumerianos, Acádios e Caldeus tinham origens empíricas e se fun-

damentavam na suposta centralidade da Terra em relação aos demais astros. Daí, a origem do Sistema Geocêntrico consagrado por Ptolomeu — 120 a 180 d.C. —, que tantas injustiças provocaria mais tarde, quando se buscou uma definição da verdade científica no terreno astronômico. Entretanto, com base nessas concepções e na observação sistemática dos corpos celestes em seu movimento em “torno da Terra”, os Caldeus chegaram a resultados extraordinários; distinguiam cinco planetas: — Júpiter (Marduk ou Neibiru), Vênus (Ishtar ou Milita), Saturno (Ninurta ou Ninib), Mercúrio (Nebo ou Nabu) e Marte (Nergal ou Meinodach) e, como tais incluíram a Lua (Sin ou Nanaru) e o Sol (Samas ou Shamash); previam os eclipses; conheciam o curso do Sol, as fases da Lua e a periodicidade dos planetas. Várias estrelas e constelações lhes eram familiares.

Com fulcro nesses conhecimentos, organizaram o calendário lunar que deu origem ao calendário judaico e, consequentemente, respeitadas as adaptações introduzidas, o calendário maçônico cujos meses ainda conservam, aproximadamente, os mesmos nomes acádico-babilônios (Nisan, Aiar, Siwan, Tammuz, Ab, Elul, Tisri, Kesvan, Kislev, Tebet, Chevat e Adar, que correspondem aos meses de março a fevereiro do calendário gregoriano). Também elaboraram o Sistema Zodíacal, através da ciência que tinham das Constelações do Zodíaco e, pela conjuração da Terra com essas constelações, determinaram a regência de cada uma sobre cada mês, a começar por Aries, sobre o

mês de Nisan (se inicia a 21 de março e dá início ao ano) (Ver fig. 5).

Eis, pois, numa síntese passageira, a inestimável contribuição Sumeriano-Acádico-Caldaica à Ciência da Astronomia. Todavia, não menos se celebrou este Povo, pelas suas concepções astrológicas. Com efeito, foram tão senhores da Arte da PREMONIÇÃO através dos astros e, consequentemente, da divinização destes, que a Astrologia ficou conhecida entre os povos como "Arte Caldaica". Coerentemente, portanto, e mais por intuição do que por consciência, acreditavam no comandamento dos astros sobre os destinos dos homens. Por isso, divinizaram os planetas conhecidos, atribuindo-lhes propriedades sobrenaturais e adotando-os como deuses com os nomes retrocitados e bastante lembrados no Antigo Testamento. Esta prática se transferiu a vários outros povos da antiguidade: -- Egípcios, Gregos, Romanos, etc. Por outro lado, o conhecimento dos métodos e processos para o estudo dos corpos celestes era privilégio exclusivo da Classe Sacerdotal que mantinha os segredos científicos e augurais revelados pelos céus. Contudo, o Rei era o "Sacerdos Magnus" ou Grande Sacerdote, chefe dos demais. Daí as atividades astronómicas e astrológicas ficarem conhecidas na História como a "ARTE REAL".

Astronomia e Astrologia entre os Egípcios

Os Egípcios, como os Caldeus, certamente herdaram de alguma civilização luminar que os precedeu

a extraordinária expressão dos conhecimentos científicos que imprimiram profusamente em suas obras (sobretudo nas Pirâmides) e que ainda hoje se constituem intrincados mistérios, mesmo para os cientistas hodiernos mais afamados. Habitavam as margens do atual rio Nilo, no chamado País do Meio-Dia (terra de Misraim ou simplesmente Misrain, segundo o Aramaico), que é o Egito de hoje. O Vale do Nilo era extremamente fértil e foi a maior fonte de prosperidade para os Egípcios, estimulando-os a um rendável sistema de agricultura. A História situa o início de sua trajetória como povo entre os IV e III milênios A.C.

Entretanto, apesar do ecletismo de sua cultura, os Egípcios adotavam métodos de análise dos corpos celestes, idênticos aos praticados pelos Caldeus, o que reforça a convicção de que destes herdaram os conhecimentos astronômicos. Inicialmente, pouco desenvolveram de tais conhecimentos porque, fundamentalmente dependentes da agricultura do Nilo, apenas se limitaram ao estudo do Sol. O mesmo não se pode dizer com relação à Astrologia cujo desenvolvimento alcançou elevado estágio entre seus praticantes que, à maneira dos Caldeus, pertenciam à Classe Sacerdotal. Os faraós também, como os reis da Caldéia, eram os Sumos Sacerdotes egípcios e, por isso, os processos, os métodos e os estudos referentes aos corpos celestes se mantiveram em rigoroso segredo e passaram à História como “ARTE REAL” da mesma forma que eram denominados na Caldéia. Na verdade, a Astronomia ascendeu a um grau tão elevado de desen-

volvimento entre os Egípcios que alguns lhes atribuíram a invenção. Por outro lado, o nível de conhecimento alcançado no terreno astrológico estimulou os Egípcios a buscarem processos mais racionais para o estudo dos astros, sobretudo, ao introduzirem os métodos matemáticos que os gregos lhes emprestaram. Desta forma, invertearam a metodologia científica, partindo da intuição astrológica para a racionalização astronômica, o que colocou o Egito na dianteira dos conhecimentos tanto astrológicos como astronômicos. Todavia, além do aperfeiçoamento científico empreendido pelos Egípcios, particularmente mercê da colaboração dos gregos, preponderantemente de Pitágoras, o maior mérito do Egito constituiu-se em transformar-se na porta de entrada dos conhecimentos cósmicos para o Ocidente através da cultura Helênica.

Inúmeras foram as contribuições legadas pelos Egípcios às civilizações hodiernas: — organizaram o calendário solar, quase tão preciso quanto o atual; confirmaram as descobertas dos Caldeus e precisaram melhor determinados dados quanto a aspectos peculiares do Sol, dos planetas, das estrelas e das constelações do Zodíaco. Mistificaram o Sol como seu principal deus representado por Toth. No mais, como já se disse, os conhecimentos cósmo-científicos dos Egípcios se ostentam ainda hoje nos seus inúmeros monumentos, sobretudo nas Pirâmides, onde a eloquência misteriosa se esconde no sentido

hermético cuja elucidação vem desafiando os estudiosos do mundo inteiro.

Astronomia e Astrologia entre os Chineses

A História dessas atividades entre os Chineses ficou sensivelmente prejudicada, por ter sido destruído em CCXIII a.C., em obediência a um decreto imperial vigente naquela época, toda a documentação reveladora dos conhecimentos astronômicos chineses de então. Todavia, pode-se afirmar, com relativa segurança, que as concepções astronômicas desse povo giravam em torno de especulações religiosas e, portanto, pendiam mais para o empirismo intuitivo e aparente com relação ao estudo dos astros, o que vale dizer que os conhecimentos cósmicos dos Chineses eram essencialmente astrológicos. A este respeito, em que pese o sinistro de CXIII a.C. De outra forma, nem por isso, os Chineses deixaram de aplicar certos conhecimentos astronômicos que lhes permitiram alcançar alguns resultados interessantes. Neste entendimento, revelaram o método de posicionamento de um astro sobre a esfera celeste, tomando como referência o plano do Equador. Preocupavam-se com o movimento diurno da esfera celeste. Previam os eclipses através de sua periodicidade. Contudo, ao que se sabe, somente no início da Era Cristã, iniciaram a organização de teorias orbitais com base na trajetória lunar. Não apresentaram explicações racionais do mundo, mas intuiram o comportamento dos astros

pelas aparências imediatas. Nisto está a grande diferença de profundidade entre os conhecimentos astronômicos chineses e caldaicos.

Astronomia e Astrologia entre os Hindus

Pouco ou nada se conhece das atividades astronômicas hindus em épocas remotas. Entretanto os indícios revelados no período das Grandes Descobertas do final do Século XV, levam-nos à convicção de que também receberam da Civilização Suméria-Acádico-Caldaica alguns ensinamentos sobre o astros. Não se tem notícia, contudo, de que hajam impulsionado alguma evolução a tais ensinamentos. Por outro lado, sabe-se que a formação do Povo Hindu não se deu de maneira compacta ou homogênea. Vários povos de origens diversas e, por vezes, antagônicos entre si, atuaram em períodos diferentes, nessa formação, chegando mesmo a absorver a grande classe dos Brâmanes que, de certa forma, representava a autoctonia local. Este fato, de certo, criou embaraços ao progresso científico-astronômico hindu e ao conhecimento do que este povo pudesse ter realizado em épocas remotas. Mesmo assim, é certo que conheciam os Hindus um sistema zodiacal idêntico ao Caldeu, porém de orientação contrária à deste, isto é, a Terra passa pelas constelações zodiacais no sentido dos ponteiros do relógio.

Conheciam, pois, as Constelações do Zodíaco a que nominavam: Mesha (Aries), Virsha (Touro),

Isto fazia parte da índole desse admirável Povo:
O POVO DE DEUS.

Astronomia e Astrologia entre os Gregos

O conhecido período Helenístico da História da Grécia ficou celebrizado como a fase áurea da cultura grega (Séc. IV a.C.). Muito antes, porém, deste período, expressivas personalidades gregas mantiveram freqüentes contatos culturais com os povos da Mesopotâmia e do Egito, o que se acentuou, mais tarde com a conquista dessas regiões por Alexandre Magno. De fato, Anaximandro de Mileto (610-547 a.C.) e Cleóstrato de Tênedos (Séc. V a.C.) tinham perfeito conhecimento do círculo Zodiacial dos Caldeus. Mas os gregos deram outras dimensões ao estudo dos fenômenos cósmicos; introduziram os recursos e métodos matemáticos na análise dos astros; Tales de Mileto (Séc. VI a.C.) estava convencido da esfericidade terrestre e da iluminação da Lua pelo Sol e previu o eclipse de DLXXXIV a.C.; Pitágoras e sua Escola (Séc. VI a.C.) também tinham certeza da esfericidade da Terra, da Lua e do Sol e sabiam da rotação da Terra e da revolução de, pelo menos, dois planetas inferiores, Mercúrio e Vênus, em torno do Sol. Por outra parte, Aristóteles (Séc. IV a.C.), considerado, com justiça, o espírito mais iluminado do Período Helenístico, estranhamente consagra o conceito caldaco, segundo o qual tudo gira em redor da Terra, fundamentando, filosoficamente e antecipadamente, a TEO.

mitológicas e apenas emprestavam estes nomes aos astros na maneira como hoje os conhecemos. Aqui, cabe uma observação importante no tocante à exclusão dos Romanos deste estudo. Tal deveu-se ao fato de que os Romanos, conquistando o Império dos Gregos, absorveram-lhes a cultura científica, os hábitos e a religião que latinizaram.

Desta forma, tentou-se destacar a inexcedível contribuição dos Gregos ao desenvolvimento da "ARTE REAL".

Astronomia e Astrologia na Idade Média

A conquista do mundo grego pelo Império Romano (Séc. I a.C.), as guerras de conquista que este empreendeu, as lutas intestinas pelo poder a que se entregou, o seu desmembramento no século IV d.C., a adoção do Cristianismo como Religião Oficial do Império no continente europeu e alhures, a invasão da Europa pelos Árabes, a luta dos povos europeus pela afirmação de diversos países nascentes e outros fatores criaram um clima de constante reboliço para o ambiente cultural da época e contribuiram marcantemente para o pernicioso adormecimento das atividades astronômicas durante mais de mil anos. Neste período, com exceção da teoria geocêntrica de Ptolomeu, as demais iniciativas no campo astronômico foram insignificantes. Na realidade, os estudos astronômicos só retomaram uma dinâmica progressista razoável a partir do século XIII, com base nos

Lei harmônica. Pela mesma época, em 1610, Galileu Galilei (1564-1642), concluiu o primeiro telescópio (luneta) com características aproximadas dos atuais e com ele descobre as crateras e montanhas da Lua e as principais estrelas das Plêiades e das Híades; quatro satélites de Júpiter, indícios dos anéis de Saturno e as manchas solares. Galileu confirmou e defendeu o Sistema Heliocêntrico afirmando que a Terra se movia e por isso foi considerado herético, anatematizado e condenado, embora não executado. Um centenar ou mais de outros notáveis cientistas abri- lhantaram a Idade Média, tais como Helvelius, Cristiano Huygens e Edmundo Halley (1656-1742), para citar apenas estes. Por isso, tornou-se a baixa Idade Média o início da fase deslumbrante por que iria passar a Astronomia até os dias de hoje.

Quanto à Astrologia, sua trajetória na Idade Média teve seus altos e baixos até mergulhar no oca- so do indiferentismo da época contemporânea. Na verdade, dado o pouco apreço que a Astrologia ins- pirou aos Gregos, esta Arte não ficou suficientemen- te conhecida na Europa durante os oito primeiros séculos do Cristianismo. De outra parte, o Império Romano, apesar de incorporar algumas superstições de origem pagã, não se deu conta da verdadeira di- mensão da Astrologia e o Cristianismo lhe fazia seve- ras restrições, o que contribuiu, sobremodo, para acentuar o desconhecimento e o desinteresse astro- lógico no restante da Europa. Somente com a pre- sença sarracena na península Ibérica é que os Árabes

Astronomia e Astrologia nas Idades Moderna e Contemporânea

A consagração da teoria heliocêntrica de Copérnico, as descobertas revolucionárias de Galileu e as novas concepções astronômicas de Isaak Newton (1642-1727), abriram caminho a métodos e processos evolutivos no estudo da Astronomia e inauguraram, particularmente Newton, a fase da corrida tecnicista que caracteriza a Idade Moderna e se transfere à Idade Contemporânea numa progressão cada vez mais acentuada. Com efeito, Newton lançou as bases da mecânica teórica e das mecânicas terrestre e celeste e enuncia sua célebre Lei da Gravidade. Carlos Frederico Gauss (1777-1855), apresenta a teoria das órbitas e se dedica à Mecânica Celeste. Leonardo Euler (1707-1783), Lagrange José Luis (1736-1813), Pedro Simão, Marquês de Laplace (1749-1827) adicionam novos dados à Mecânica Celeste. Em 1814, José de Von Fraunhofer (1878-1826) inicia e conclui o estudo da decomposição da luz solar. Em 1838, Hershel e Struve empreendem a medição da paralaxe trigonométrica da Constelação de Cisne (61 Cygni) e da estrela Vega ou Alfa de Cygnus (recentemente se descobriu que esta estrela é o centro de um sistema idêntico ao do Sol). Gustavo Robert Kischhoff (1824-1887) estuda e explica os princípios do espetroscópio. Convém chamar a atenção para o fato de que todos estes cientistas adotaram

em seus estudos a sistematização e a classificação do método estabelecido por René Descarte (1596-1650).

Vê-se, portanto, que o indescritível progresso que a Ciência Astronômica alcançou nos dias atuais não surgiu de um momento para outro, nem, muito menos, de uma só pessoa, mas através de uma evolução continuada e progressiva de conhecimentos, nem sempre bem acatada, e pela sucessão dos gênios de que sempre se ornamentou a Humanidade, por força, é certo, de uma Vontade Superior, a Vontade de DEUS. Entre estes gênios não se podem omitir o criador da Relatividade, Albert Einstein (1879-1955), e o dinamizador da Ciência Espacial, Von Braun. Bem assim, não se podem esquecer outras descobertas de valor inestimável como meios essenciais aos empreendimentos científicos deste Século: o combustível atômico e a cibernética.

Eis, em síntese, a posição atual da Ciência da Astronomia.

No tocante à Astrologia, há que se convir que, passado o seu apogeu medieval, foi aos poucos, perdendo o seu prestígio no seio da Sociedade que, praticamente, assumiu uma posição de indiferentismo e, mesmo, de desconfiança com relação a essa Arte. Contudo, ela não morreu, apenas parece ter-se retraído, permanecendo seu espectro nas mentes de quantos ainda a consultam, embora de maneira discreta. A prova disto é a tendência natural para se conhecer o próprio futuro através dos horóscopos.

Conclusões

Até aqui percorremos, em regime de síntese corrida, a origem e o comportamento histórico da Astronomia e da Astrologia. Pretende-se agora, à guisa de conclusão, penetrar um pouco na essência do objeto de cada uma: — os astros e sua natureza, como tarefa primordial da Astronomia em proveito e do seu relacionamento com o Criador; o homem e a influência do magnetismo astral, como papel básico da Astrologia, evidenciando a magnificência de DEUS, por este meio.

Portanto, observe-se o Céu. Conte quem o puder as maravilhas de milhares de corpos luminosos que fervilham no Universo e o embelezam. Indague-se: será que esta infinidade de astros serve apenas para enfeitar os céus? De que são feitos? Por que brilham? Quem lhes deu origem? Como se sustentam no espaço? Movem-se? Para onde e como? Seria um não mais acabar de perguntas. Ora, a estas indagações, talvez ainda não a todas, responde a FÉ, o esforço e a genialidade do homem voltado para a investigação continuada e progressiva do Universo Cósmico. Por isso, sabe-se hoje que os corpos celestes se movem a velocidades incríveis, seguindo trajetórias definidas em espaços de tempo relativamente uniformes; que se associam em constelações (conjuntos de estrelas afins), em galáxias (aglomerados de estrelas) ou em sistemas (uma estrela como centro de vários planetas ou um planeta circundado de satélites); que têm

massa e forma; que uns têm luz própria (estrelas), outros, luz refletida (os planetas, os satélites, os cometas, etc); já se conhece a natureza estrutural de alguns, isto é, a matéria-prima de que são compostos.

Embora fugindo do terreno das ciências exatas e penetrando no campo da Filosofia Metafísica, sabe-se que os corpos celestes se extinguem por eliminação ou transformação; se, se extinguem na sua originalidade, têm fim; se têm fim, tiveram começo e não são eternos, mas efeitos de uma causa primeira que é DEUS. Logo, os astros e todas as suas características são simples efeitos da obra de DEUS.

Por conseguinte, todas as respostas relativas à origem, ao comportamento e à natureza dos astros podem ser fornecidas através de estudos e análises realizadas pela Astrofísica, pela Astronomia e pela Mecânica Celeste, que são os instrumentos da Astronomia. Quando, porém, os recursos desta forem insuficientes à satisfação de nossa curiosidade, resta-nos a FÉ que nos eleva a DEUS, detentor de toda a Sabedoria, portanto, onisciente e convededor de todos os fenômenos, de todos os seres e de todas as coisas que habitam o Universo infinito.

De outra forma, o que se tem verificado é que os elementos de um organismo infinitamente pequeno, como o átomo, ou infinitamente grande, como o Universo Cósmico, se atraem segundo certa intensidade de magnetismo de que são animados, capaz de promover o equilíbrio dinâmico entre eles. Tal magnetismo obedece a graus de proporcionalidade com

relação à quantidade de massa dos elementos envolvidos. Ora, a massa é o componente físico dos elementos, a qual, movida por uma força (magnetismo), representa a matéria e, revestida de uma forma, toma corpo. Entretanto, conforme nos ensinam Aristóteles (384-322 A.C.) e Tomás de Aquino, os corpos e os seres do mundo físico procedem de um ‘Princípio Fundamental ou Matéria-Prima’ acumulada e dinamizada por uma Força ou Vontade Primeira. Os corpos, pois, animados dessa Força, obedecem a uma mecânica sabiamente pré-traçada, manifestação segura de uma Sabedoria Primeira. A proporcionalidade e o equilíbrio que caracterizam esses corpos dentro dos Sistemas atômico ou Cósmico ensejam a harmonia Sistêmica e expressam a beleza Universal, originada também de uma Beleza Primeira.

Por outro lado, se a sabedoria, a força e a beleza se associam em uma individualidade humana, em termos relativos, este personagem sobrepuja aos seus pares; concentradas, em termos absolutos e originais, na Causa Primeira, tornam-se a ela imanentes e se transformam em caráter sui gêneris de unicidade, de infinitade, de eternidade, que só pode ser encontrado em DEUS que é a própria Causa Primeira dos seres e das coisas. Então, a mecânica, a proporcionalidade e o equilíbrio dos elementos de um organismo sistêmico, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, são manifestações da Sabedoria, da Força e da Beleza de DEUS. O magnetismo, pois, que impulsiona os elementos do sistema atômico, do Sistema

Cósmico ou do sistema biológico, tem a mesma natureza e a mesma origem divina. Daí, não ser de estranhar que, assim como os micro-sistemas exercem influência orgânica sobre o sistema biológico e são por este influenciados, os astros exerçam certa influência magnética sobre os seres vivos, mesmo porque os seres vivos (não os seres espirituais) habitam mundos astrais cujas forças de interação também se exercem sobre seus habitantes. Daí, porque Tomás de Aquino admitia a ascendência astral sobre o caráter do indivíduo desde que se não a considerasse como um influxo do determinismo, pois assim tida, negar-se-ia a interferência providencial de DEUS no comportamento humano e alienar-se-ia a condição de livre-arbítrio do indivíduo.

Portanto, a Astrologia não é uma Arte de bases aleatórias, nem pode ser sistematizada como Ciência Exata. Ela tem como instrumento, os astros; como meio, o conhecimento das virtudes; como usuário, o próprio homem. Desta forma, é uma ARTE SENSÍVEL E HUMANA, tão bela quanto as outras artes.

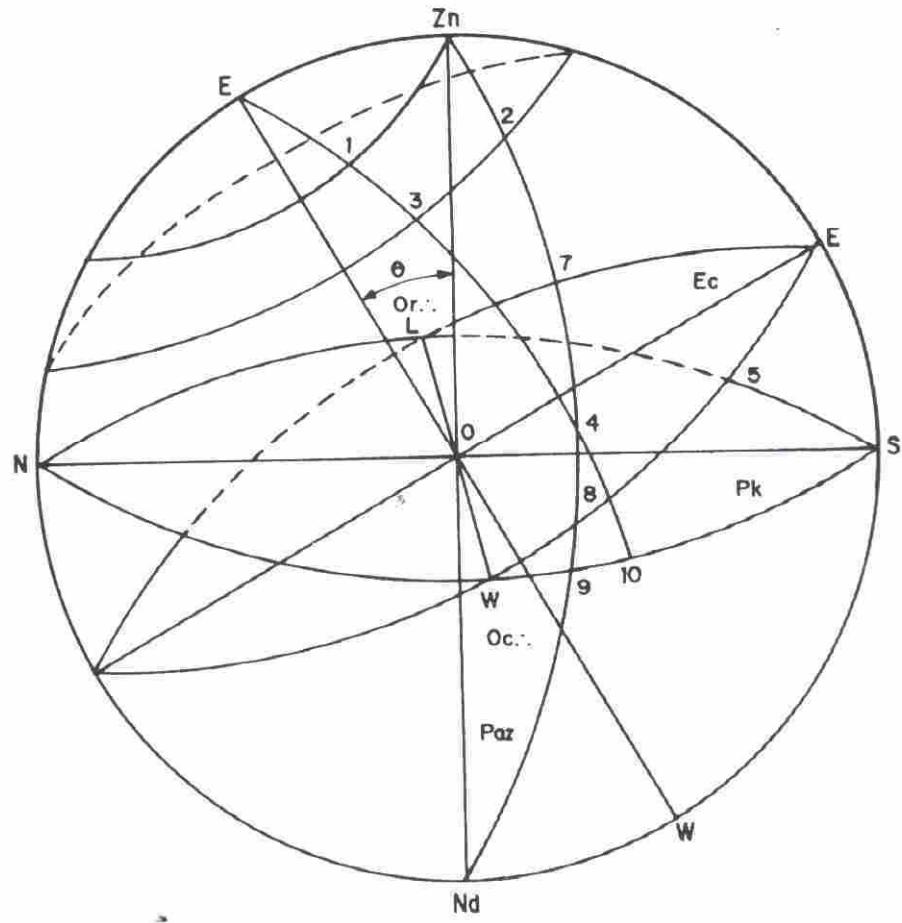
MECÂNICA CELESTE

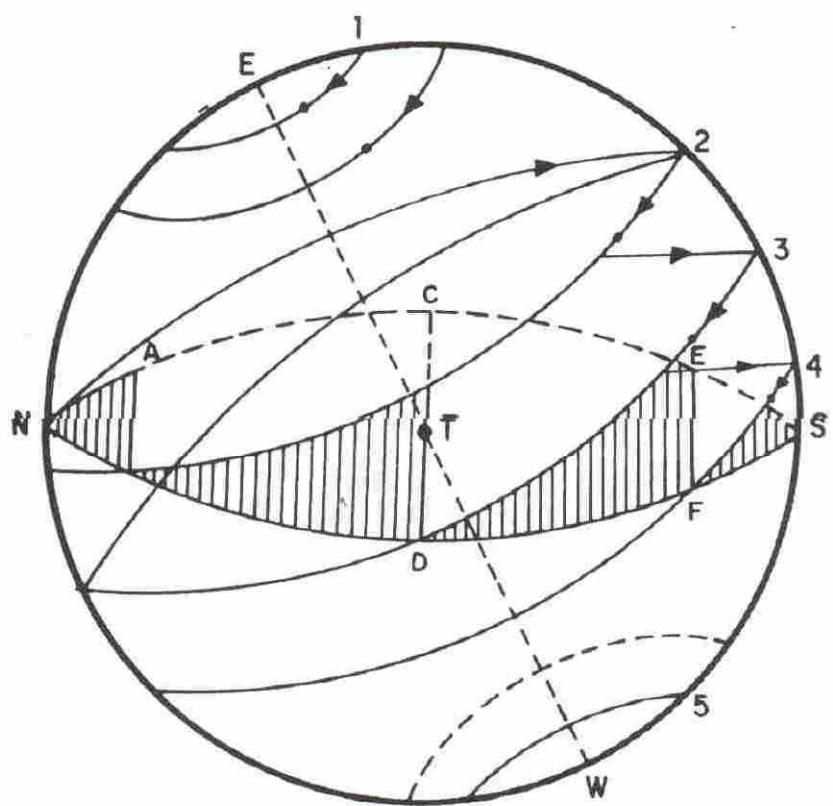
Conceituação

O homem, assim que tomou consciência de si mesmo e daquilo que o envolvia, deparou-se com o dilema entre a inércia e a mobilidade das coisas, que lhe provocou algumas indagações: — O que se move na Natureza? Por que algumas coisas se movem e outras, não? Qual a razão da inércia das coisas estáticas? Qual a causa do movimento? Se a inércia é imanente às coisas estáticas? Se o movimento é imanente às coisas móveis? De uma forma simplória que seu entendimento permitia, classificou as coisas em mortas e vivas e deu às vivas a denominação de animadas ou animais (que têm alma), e às mortas, de inanimadas. Com o decorrer do tempo, verificou que algumas coisas consideradas inertes tinham movimento e não eram vivas: a água, o vento e o fogo, por exemplo. Imaginou serem esses elementos a origem de tudo na Natureza, incluindo a vida. O aprofundamento dessas considerações e o desenvolvimento mental do homem conduziram-no a outras conclusões: que todas as coisas não têm a estrutura interna que sua forma aparente; que são composta de elementos infinitamente pequenos que Demócrito (Séc. V a.C) denominou de átomos (indivisíveis).

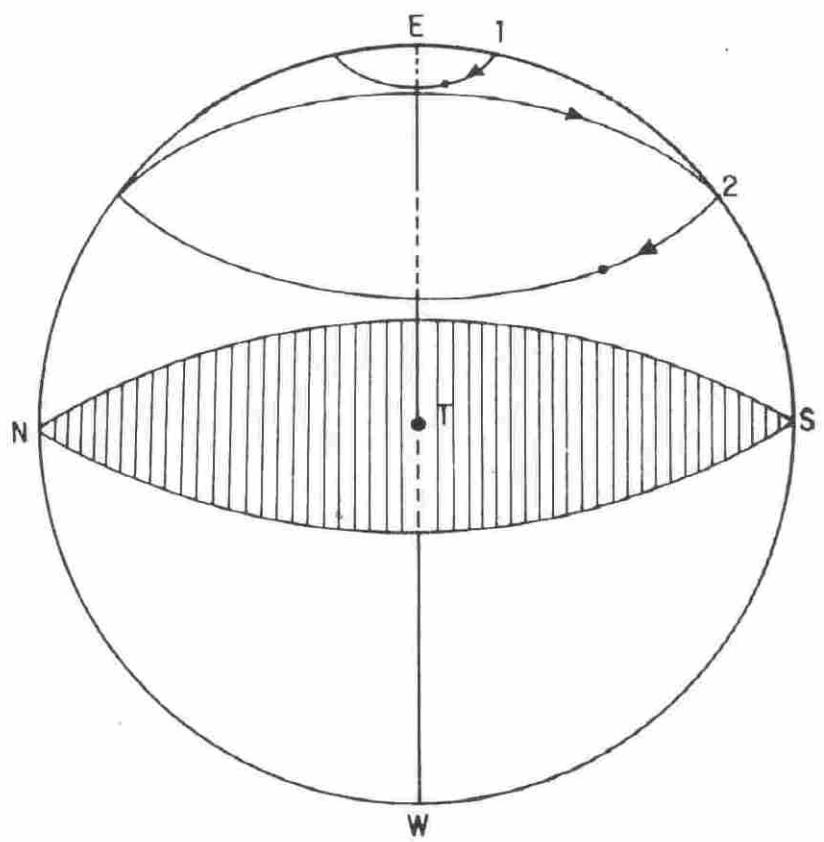
os trópicos, que der a mão direito para o Nascente, terá à esquerda, o Poente; à frente, o Norte e à retaguarda, o Sul. Vê-se, pois, que se trata de um sistema inercial, independente do movimento da Terra (precessão = perturbação do movimento; mutação-oscilação; aberração = deformação; paralaxe = ângulo de visão do raio terrestre do semi-eixo maior da órbita da terra, conforme visto de um planeta ou de uma estrela respectivamente) e das estrelas. O percurso de uma estrela saindo do Nascente, passando pelo Poente e voltando novamente ao Nascente, é de um arco de 360° da Esfera Celeste. A este deslocamento denomina-se "Movimento Diurno" por ter uma duração de 24 horas. Na verdade, as estrelas são aparentemente fixas em relação à Terra que, na realidade, é quem gira em torno de seu eixo polar. O sentido de sua rotação é o inverso do movimento dos ponteiros do relógio, por isso é que as estrelas parecem circundá-la em sentido contrário. Então, este deslocamento das estrelas é dito APARENTE.

Para melhor entendimento deste assunto, vejamos a figura n.º 1. A Esfera Celeste gira em torno de um eixo imaginário (E M), chamado "Eixo do Mundo" ou linha dos polos. O eixo que, para um observador terrestre, prolonga ambas as extremidades de um fio a prumo, chama-se "Eixo Vertical" (Zn Nd) e seus extremos denominam-se Zênite (o que aponta para cima) e Nadir (o que se dirige para baixo). O plano circular (E—S—W—E) perpendicular ao "Eixo do Mundo", é a "Eclíptica" (plano de projeção das tra-





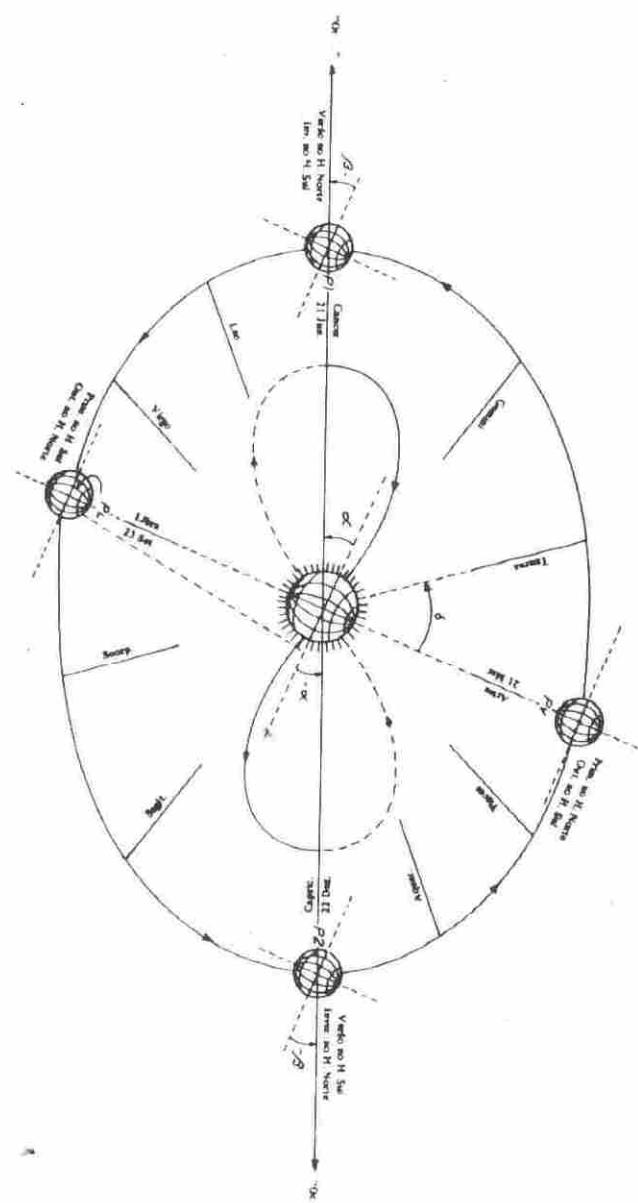
P2). Os pontos médios opostos da hélice ($P_v - P^1$) são os extremos da linha de interseção da eclíptica solar com o plano do equador celeste e marcam a passagem dos equinócios da primavera (ponto Vernal) e do outono (ponto de Libra). Vejamos como se processa esse movimento. Imaginemos o Sol projetado em um plano chamado Eclíptica Solar (Fig. 5), formando este um ângulo $\alpha \pm 23^\circ 27'$ com plano do horizonte. Vê-se logo que o Sol percorre um caminho reverso ascendente, perfurando o Plano do Horizonte, até passar por um dos focos da Eclipse Terrestre de onde prossegue em movimento reverso descendente, perfurando novamente o Ph, até encontrar o outro foco da Elipse onde começa tudo novamente. Este movimento tem a duração de um ano e marca os equinócios (Primavera e Outono) e os Solstícios (Verão e Inverno). Com efeito, o ponto de interseção (P_v) do Sol com Ph, no seu movimento descendente, marca o Ponto Vernal (Primavera no Hemisfério Norte e Outono do Hemisfério Sul), no dia 21 de março, em coincidência com a Constelação de Áries (Início do Ano Maçônico). O Ponto de interseção (P_1) do Sol com Ph, no seu movimento ascendente, define o Ponto de Libra (Primavera no Hemisfério Sul e Outono do Hemisfério Norte), no dia 23 de Setembro, em coincidência com a Constelação de Libra. Quando o Sol atinge um dos focos da Elipse Terrestre, em coincidência com a Constelação de Câncer (21 de junho), têm início o Verão, no Hemisfério Norte, e o Inverno, no Hemisfério Sul. Quando al-

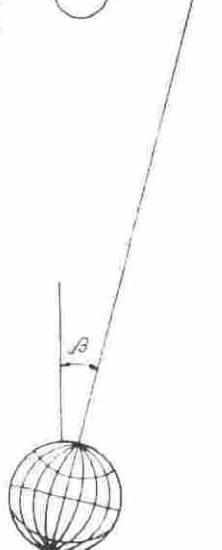
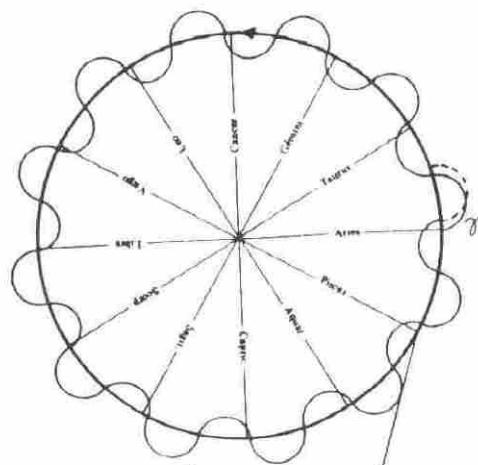
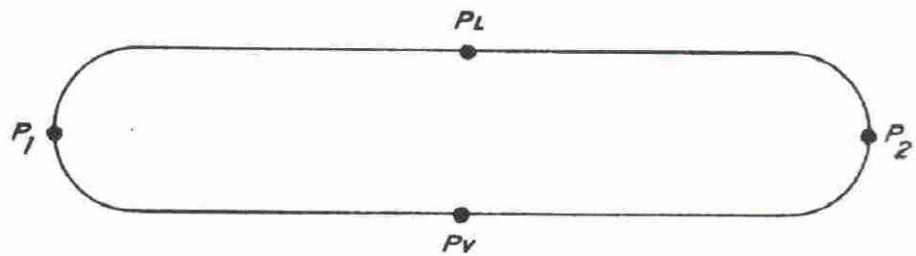


cança o outro foco, em coincidência com a Constelação de Capricórnio (22 de dezembro), têm início o verão, no Hemisfério Sul, e o inverno no Hemisfério Norte). Este movimento do Sol no espaço visto de cima (vista imaginária) tem a projeção da Fig. 5. Visto de frente, assemelha-se à Fig. 5A. É de toda a conveniência chamar-se a atenção para a semelhança da projeção do movimento do Sol (Fig. 5) com a circulação do Maçom em Loja de Aprendiz Adonhiramita. Este movimento tem o sentido dos ponteiros do relógio quando ultrapassa P_v , passando por F' até P_1 na direção de P_2 , e se inverte de P_1 passando por F , até P_v , na direção de P_1 (Fig. 5). O Sol ainda se move com todo o sistema, numa grande translação, em busca da Constelação de Lira.

— Movimentos da Terra (Fig. 5)

O Planeta Terra possui vários movimentos. Conceituamos os principais. Rotação é o movimento que a Terra desenvolve em torno de seu eixo polar no período de 24 horas. É o responsável pela definição do dia e pelo movimento aparente das estrelas. Translação é o deslocamento que a Terra realiza em um ano, seguindo uma trajetória elíptica em volta do Sol, pela definição do ano e das estações que o compõem e, associando-se ao movimento das Constelações do zodíaco (do grego — Zoos animais, e Kiclos=ciclo ou caminho — Caminho dos animais), determina os meses. Nutação é a oscilação que sofre o eixo polar





dimento sobre Natureza, ao longo do tempo; que taceou, nessa caminhada, em busca de respostas às suas indagações sobre o sentido das coisas e dos seres, sobre a sua natureza e finalidade, sobre sua inércia e sua dinâmica. Neste contexto, formulou conceitos sucessivos sobre essas coisas e esses seres e deu-lhes novas dimensões, pela ampliação indescritível do conhecimento humano no campo científico. Nesse período de busca do conhecimento, chegou a várias conclusões que oscilavam entre a dúvida e a certeza na satisfação de sua sede de assenhorear-se da verdade. Daí, pelo menos uma afirmação parece inquestionável: — no Universo, tudo se move e a sucessão de causas e efeitos nos impele à identificação de uma Força Primeira a cujo impulso se deve a mobilidade das coisas e dos seres.

Com este discernimento, passou ao julgamento dos astros e observou que as estrelas têm movimentos próprios, como os demais corpos celestes que, as estrelas, imaginariamente, se movem em torno da Terra cuja rotação é quem transmitia a ilusão desse deslocamento estrelar. Por isso, este fenômeno ficou conhecido como "Movimento Aparente das Estrelas" que, por repetir-se no período de 24 horas, é também chamado de "Movimento Diurno". Para melhor entendê-lo e explicá-lo, idealizou-se o método da "Esfera Celeste" cujos elementos permitem a projeção dos dados observados em planos diversos (Fig.1). Constatou-se que tais dados referenciados a uma mesma estrela variavam de acordo com a latitu-

O TEMPO E O SISTEMA ZODIACAL

Conceituações

O tempo tem-se constituído, desde que o homem tomou consciência de si mesmo, na componente universal de mais difícil conceituação. Primeiro, porque o tempo, considerado em termos absolutos, não é dimensionável nem se lhe pode atribuir essência própria nem características que o definam. Neste entendimento, o tempo parece dimensão imanente à Causa Primeira dos seres e das coisas, portanto, a DEUS. Entretanto, para o homem tudo é limitado e, assim, não pode manipular com a idéia de um espaço infinitamente grande, de um móvel infinitamente grande, impulsionado por uma velocidade infinitamente grande a percorrê-lo num tempo infinitamente grande. Esta idéia foge à concepção pragmática do homem dentro de suas limitações. Por outro lado, é atributo de DEUS a eternidade, que supõe duração infinita, sem início e sem fim. Ora, duração é período de tempo; se a duração é infinita, o período de tempo é também infinito e é o próprio tempo e, se é infinito, o tempo é eterno como são os demais atributos de DEUS. Então, o homem teve que fracionar o tempo de forma a adequá-lo às suas limitações decorrentes de sua própria natureza de criatura efêmera. Então, o homem iniciou o fracionamento do tempo.

Do que se conhece, a preocupação com o entendimento filosófico do tempo remonta aos sábios gregos como Zenão de Eleia (Séc. VI a.C.) a Heráclito (576-480 a.C.), Demócrito (Séc. V a.C.), Aristóteles (384-322-a.C.) e muitos outros que o associavam a um espaço e a uma continuidade.

Todavia, uma conceituação filosófica de profundidade respeitável só veio à tona com o Cristianismo, mais particularmente com Santo Agostinho (354-430)... Eis o seu pensamento inspirado em Platão: — “*QUID EST ERGO TEMPUS?*” (Então, o que é o tempo?) É a sua indagação inicial. E continua em resposta: — “Se nada passasse, não haveria passado; se nada adviesse, não haveria futuro e se nada fosse, não haveria presente.”

E continua em suas reflexões: — “Se o presente fosse sempre o presente, não haveria passado nem futuro, e o presente não seria tempo, seria eternidade.” Então, o tempo é porque se encaminha para o não ser e o presente que é já é passado no instante seguinte. Então, o tempo foi passado e será o futuro e o presente, que é o instante atual, tão minúsculo que quando se pensou já passou, é o módulo de continuidade entre o passado e o futuro. E volta Santo Agostinho: — “Esse único ponto que se pode chamar de presente é arrastado, tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhum extensão de duração, pois, se tivesse alguma extensão, se dividiria em passado e futuro, mas o presente não tem extensão.” Einstein enxerga o tempo por outro prisma, associado à velo-

cidade da luz, portanto, ao espaço ($E=MC^2$). A este tempo "eisteiniano" Bergson chama de "tempo físico e matemático", diferente do tempo-duração. Estas são, pois, as principais concepções filosóficas que se têm do tempo.

De outra forma, a preocupação com o tempo limitado vem desde os primórdios das civilizações. Os astros e suas propriedades estiveram sempre associados à idéia do tempo dentro de concepções limitadas. Os Sumerianos e Caldeus organizaram o Ano Lunar, com base nas fases lunares, para formação dos meses. Os Egípcios conceberam o Ano Solar e os Gregos o aperfeiçoaram. Os Astecas organizaram o Calendário Solar que era um modelo de perfeição.

Desde muito, os animais astrais, imaginados de acordo com a ótica sob que eram vistas algumas Constelações, foram designados para presidirem os meses, no seu caminho cíclico. Por isso chamaram-se de "Constelações do Zodíaco", que veremos a seguir.

O Ano Comum ou Ano Civil

Já vimos, na instrução nº 2, que a Terra tem um movimento elíptico de translação em torno do Sol e que este tem um movimento particular dentro da Elipse orbital Terrestre, passando por seus póntos focais F e F' (Fig. nº 5). Sabemos também que num espaço de 8,5 graus acima e 8,5 graus abaixo da Eclíptica (Plano de projeção Celeste) se projetam as doze constelações do Zodíaco separadas umas das ou-

tras por um ângulo de aproximadamente 30 graus com vértice no centro da elipse Terrestre. Observamos ainda que duas passagens consecutivas do Sol, pelo equinócio da Primavera em Áries, ocorre num período de 365,24 dias chamado Ano Sideral. Porém a Terra, em seu movimento de translação, também passa sucessivamente por este ponto e que a duração entre uma passagem e outra é de 365,26 dias, conhecida como Ano Trópico (a diferença de 0,02 dias para o Ano Sideral é devida ao momento de precessão). A média aritmética desses dois anos constitui o Ano Comum ou Civil, com duração de 365,25 dias. A fração de 0,25 dias é multiplicada por 4 para formar um dia. Por isso, o Ano Comum tem 365 dias, quando normal, e 366 dias, quando bissexto, o que ocorre de quatro em quatro anos. A Ano Comum, o Sideral ou o Trópico estão divididos em doze meses regidos pelas Constelações do Zodíaco.

“O Grande Ano”

Como já vimos, a Terra tem vários movimentos. Sabemos que o eixo polar Terrestre tem uma inclinação em relação ao plano da eclíptica, de um ângulo $\beta = 23^\circ 30'$; que, associando o movimento de rotação da Terra ao prolongamento de seu eixo e à precessão dos equinócios e conjugando tudo isto com a posição das Constelações do Zodíaco, têm-se uma espécie de cone cuja borda tem início em Áries e se desdobra num tipo de senoide desenvolvida pelo eixo polar em

torno do círculo do cone (Fig. n.º 5B). Como a precessão dá-se na passagem dos equinócios e estes, em Áries, o ponto de partida da grande senoidal também se dá em Áries (Ponto Y). Duas passagens sucessivas do eixo polar pelo ponto Y tem a duração de 25.868 anos e este período é chamado de "GRANDE ANO". O "GRANDE ANO" é dividido em DOZE "Grandes Meses" regidos, como os meses comuns, pelas Constelações do Zodíaco. Conforme nos ensinam os estudiosos da Astronomia, cada mês de um "Grande Ano" corresponde a uma idade das civilizações humanas, cada uma regida por uma Constelação do Zodíaco. Assim, de 10.000 a 8.000 a.C., a humanidade esteve sob signo de Leão; de 8.000 a 6.000 anos a.C., sob Câncer; de 6.000 a 4.000 anos a.C., sob Gêmeos; de 4.000 a 2.000 anos a.C., sob Touro; de 2.000 a "0" anos a.C., sob Áries; de "0" a 2.000 anos d.C., sob Peixes que é o signo da Civilização Cristã e também é o símbolo do Cristianismo. Coincidência ou escolha consciente deste símbolo pelos primeiros Cristãos? A coincidência é coisa do acaso, a consciência sobre alguma coisa pressupõe conhecimento desta coisa. Os primeiros Cristãos não eram homens de jogar com o acaso. Eram, sim, homens de muita firmeza no que ensinavam, como no que simbolizavam e como o simbolizavam. Então, o que se pode concluir é que os Cristãos herdaram de seus antepassados tais conhecimentos astronômicos e, conscientemente, atribuíram ao Peixe o símbolo Cristiano, porque sabiam que a Civilização Cristã ia

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada
— Antigo e Novo Testamento
- O Thimeu
— Platão
- Introdução à Astronomia
— Ronaldo R. de Freitas Mourão
- O Universo
— Izaac Azimov
- Duração e Simultaneidade
— Henri Bergson
- Encyclopédia
— Delta Larousse
- Suma Teologia
— Tomás de Aquino
- Confissões
— Santo Agostinho